

revoltar-se por todas as fôrmas. Sem trabalho, sem pão, sem esperanças isto melhora, roubado por todas as fôrmas, tem de mexer-se, a não ser que prefira morrer na inanção.

Mas parece que não. Parece que a tempestade se avizinha; talvez nos surpreenda em breve um tremendo saraveiro, acompanhado de um forte vendaval e de um zigzaguar de raios saídos das materias inflamáveis expelidas pela explosão popular. E a lava dessa explosão vulcânica inundará tudo, dilatando-se, absorvendo muita podridão e seguindo-se a densidade.

Que querem? Tem de ser assim: Morrer de fome? Não, mil vezes não. A Grande Revolução ficou em meio.

E' necessario conclui-la.

Clemente Vieira dos Santos.

### As responsabilidades imediatas

A nosso ver, na questão da guerra, só as responsabilidades fundamentais, as de regime capitalista (político e económico), nos deveriam importar. Alguém havia de começar, como disse Grave.

Quanto aos que, em nome da revolução, tomam partido por um ou por outro dos beligerantes, também lhes conviria mais dizerem: «Sejam quais forem os principais responsáveis da ocasião, o caso é que achamos conveniente ajudar a determinar tal ou qual resultado directo da guerra.» Diríamos ainda que se enganam, que a nosso ver (é supérfluo estar sempre a repetir a *nostra ver*) se colocam num terreno, não revolucionário-social, mas democrático, e que, mesmo esposando este último ponto de vista, se equivocam, pois esta guerra não é uma luta entre a democracia e o depositismo, nem guerra entre Estados é meio próprio para conquistar ou defender liberdades políticas; mas, em todo caso, a questão estaria simplificada.

Como assim não é, examinaremos também essas responsabilidades imediatas e o seu aspecto político e diplomático. Não se assustem os leitores: será ás doses, para não fadigar. Não nos serviremos propriamente dos vários livros diplomáticos oficiais—branco, amarelo, furta-côres e côr de burro quando foge—os quais só dizem o que lhes faz conta; servir-nos-hemos sobretudo de documentos, inquéritos e argumentos acumulados por jornais como o *Labour Leader*, órgão do Partido Operário Independente inglês. E é provável que o material se vá enriquecendo cada vez mais, lançando luz sobre coisas escuras.

Há para todos os beligerantes, de um e outro lado, incluindo a França, a confirmar o que escreveu Monatte:

«E ainda não está estabelecido que o governo francês tenha feito tudo para salvaguardar a paz na última semana de julho. Não há dúvida de que a diplomacia secreta de malfetorias tantas vezes denunciadas representou um papel considerável na declaração de guerra.»

Fiquemos, por hoje, nesta justa passagem dum excelente artigo de F. Spengler, em *La Libre Pensée*, de Lausana, número de 20 de Fevereiro:

«Uma coisa, porém, é certa, e ninguém me contradirá: Teria sido bem fácil evitar esta guerra, e para todos os beligerantes teria sido mais proveitoso evitá-la.

«Cada um deles, é certo, procura apresentar as coisas a uma luz que lhe seja favorável. Mas lêde—não é coisa muito divertida, nem sequer muito interessante—lêde o livro amarelo, o branco, o encarnado, o azul, o alaranjado, o pardo, e neles não encontrareis uma linha, uma palavra que venha contradizer o que afirmo. L'arece hoje mais exacto do que nunca o dito frisante dum soldado, o marechal duque de Belle-Ile, quando asseverou: «Está averiguado que, de todas as guerras que foram feitas, não há uma só que não tenha podido ser evitada, se os adversários em presença tivessem sinceramente tentado um acôrdo.» Sou eu que sublinho o adérbio, pois é af que está o nó górdio. Em vão se trocam telegramas hipócritas, se fala de responsabilidade, de consciência, paz; o que falta em toda essa pape-

## OS ANARQUISTAS E A GUERRA

Os revolucionários intervencionistas interpretam a guerra sob um ponto de vista diametralmente oposto ao nosso. Enquanto que nós encaramos segundo o critério libertário, à luz pura das nossas idéas, considerando-a um fenómeno natural e previsto, sequência logica da constituição capitalista e auteritaria da sociedade, eles, ao contrario, encaram-na pelo lado sentimental e superficial dos factos historicos, de caracter estatal e burgues, isto é, aceitam a interpretação que lhe dão os diplomatas da Triple Entente.

A propaganda durante meio século consagrada a eliminar do cerebro humano os prejuizos de caracter nacionalistico e patriótico, geradores de ódios de raça e de nacionalidade, afirmaria a sua nulidade e improficuidade se todos nós seguíssemos o critério dos intervencionistas. Felizmente não succede assim.

Os propagandistas da Anarquia, tiveram sempre o máximo cuidado de falar ás massas a linguagem da verdade, salientando, como perigosa a colaboração de classes cujos interesses estivessem em manifesto antagonismo; e para que as melhores energias não calassem na cidade parlamentar, que imediatamente seriam absorvidas pelas majorias, predicaram sempre, no tempo e no espaço, que o sistema parlamentar, oduco e gasto em todos os países, não passava duma illusória panacéa de nenhum efeito positivo e concreto.

Aceitar, pois, no actual momento, o mais critico que o postulado libertário ha atravessado desde o seu inicio, doutrinas diametralmente opostas á nossa propaganda, seria um dos maiores erros cometidos pelos anarquistas de que se arrependeriam mais tarde quando o mal fosse já irreparavel.

As mesmas razões—a invasão do território alemão pelos cosacos e a concorrência comercial e industrial da Inglaterra—as mesmas razões, diziamos, que aduzem os intervencionistas para que os revolucionários sociais colaborem com os aliados em holocausto á Justiça, ao Direito e á Civilização latina legitima continuadora da civilização grega, foram aliadas pelos diplomatas e parlamentares da Alemanha burguesa e militarista para captar a simpatia da Social-democracia, de forma a constrangir pela pressão moral os socialistas tedesocos no Reichstag a votar os créditos para os armamentos militares. E entre 110 representantes do povo social democratas, apenas dois, se bem nos recorda, votaram contra, enquanto que trinta e seis se abstiveram e os restantes votaram a favor sem o mínimo protesto dos seus eleitores. O sistema empregado agora pelos intervencionistas, consciente ou inconsciente, já foi invocado, com motivos identicos e para o mesmo fim, pela diplomacia tedesca, bárbara e assassina, não há muito tempo, embora o suficiente para que muitos dos nossos esquecessem o facto.

Como conciliar, pois, tão diversos antagonismos? Nós não somos pela paz, não somos pela guerra, não somos pela neutralidade. O nosso campo é muito outro: é a luta cada vez mais acesa para a Revolução Social, unica capaz trazer aos povos a paz duradoira por que eles anseiam!

Depois duma chadina extenuante e exaustiva que semeia a fome e o luto por todos os países, quando a monuosa realidade levar ao seio das massas famintas os seus mais abomináveis efeitos; quando nos campos talados da Europa nada mais restar do que um montão de ossos calcinados, o facto incendiário da revolução redentora surgirá das proprias cinzas, como a Fenix da fábula, a acabar duma vez para sempre com todas as guerras no nosso planeta.

Ora, para que nos aproximemos o mais possível do objectivo a que aspiramos, é indispensavel que mantenhamos integros os nossos principios para no momento oportuno, quando espontaneamente rebentar o movimento libertador entre as massas inconscientes, nos encontrarmos capacitados para as canalizar numa directriz que as conduza á nossa causa, com necessária consciencia do que queremos e do que fazemos. Se, porém, nos deixarmos vencer pela inércia do indiferentismo, não indo á guerra, mas tambem a não combatendo, cairemos num marasmo mais proprio de eremitas contemplativos do que de revolucionarios que tudo esperam da actividade revolucionaria.

A nossa interpretação é libertária e socialistica, isenta de todas as responsabilida-

lada das chancelarias e ministérios é uma só palavra *sincera e verdadeira*. A diplomacia é por excelência a arte de mentir.»

### Desconcertante

Em nenhum dos jornais franceses (1) por mim recebidos, li a narração da especie de tréguas celebradas, fora dos estados-maiores, pelos soldados ingleses e alemães, que na linha de fogo são opostos uns aos outros.

Durante a semana, encheram-se os jornais ingleses de cartas contando os diversos incidentes destas tréguas. O número e variedade delas parecem indicar que a trégua foi quase geral em toda a frente inglesa.

Segundo parece, na véspera do natal combinou-se entre ingleses e alemães um armistício para o dia seguinte.

No dia 25 de manhã, alguns alemães sem armas em alguns lugares e ingleses noutros saíram das trincheiras, avançando cautelosamente até ao meio do terreno intermédio, fazendo sinal aos ad-

versários para viram ao seu encontro. Alguns destes responderam ao apêlo, vindo outros juntar-se-lhes pouco a pouco, de ambos os lados. Trocaram observações, afirmando os alemães a sua certeza de vencer e atestando os ingleses a sua confiança na vitória. Mas a discussão era calma e cortês. Houve troca de charutos, cigarros, chocolate e outras guloseimas.

Em certos sitios, o armistício fora feito para serem enterrados os mortos ingleses e alemães, todos na mesma cova. (2).

Noutros pontos, fotografaram-se em grupos. Foram propostas partidas de *foot-ball*; mas, não tendo os officiaes alemães dado para isso licença aos seus homens, tiveram estes que se contentar com ver jogar os ingleses.

Numa dessas cartas, diz o soldado remetente que os soldados que tinham em face eram saxões, os quais exprimiam sem cerimonia o seu horror pela guerra. Outros reconheceram o absurdo de estarem ali a bater-se, declarando, porém, que eram obrigados a aquil Separaram-se todos trocando

apertos de mão, confessando os alemães levar dos ingleses uma opinião bem diversa da que lhes haviam inculcado.

No dia seguinte, recomeçou a matança! Depois de terem podido compreender a loucura da chadina reciproca, aqueles homens tiveram a coragem—ou antes a inconsciencia—de principiar de novo a fuzilaria.

Mas, seja qual for o sentimento que os levou a pegarem outra vez na espingarda: sentimento do dever (como o compreendem os governantes), hábito da disciplina, obediencia passiva e estúpida, convicção que tem cada um de lutar pela defesa dos seus diretos e da sua existencia contra a opressão estrangeira, nem por isso deixa de se deprender dal um facto indiscutível: é que, entregues a si mesmos, os povos estão prontos para se entender e estimar mutuamente. O que é verdade é que entre eles não há odio nacional, nem de raça, nenhuma especie de rivalidade. O que é verdade é ter sido preciso haver de cada lado uma quadrilha de malandrimos com interesse em os enganar e cegar, para os arremessar uns contra os outros, e bastar que nos desembaracássemos duma vez para sempre de todos esses vampiros para que os povos se procurassem viver sossegados ao lado uns dos outros.

Ah! se os homens quisessem abrir os olhos, olhar, ver e reflectir!—JEAN GRAVE

(1) O caso não é para admirar, pois a censura impediu que se aludisse ao facto e proibiu a publicação do presente artigo. J. G.

(2) Veem a propósito as belas palavras de Erenmann-Chatrian, na *Historia dum Recruta de 1813*,—pondo de lado aquele absurdo dum deus, que faz os homens para o amor e que não impede que eles se matem: «Sim, vi essas imensas trincheiras em que se enterram os mortos: russos, franceses, prussianos, todos misturados,—como Deus os fizera para se amarem antes da invenção dos penachos e uniformes, que os dividem em proveito dos que os governam. Lá estão eles... enlaçados... e se alguma coisa neles revive, o que bem precisamos de esperar, estimam-se e perdoam-se, amaldiçoando o crime que, há tantos séculos, impede que sejam irmãos antes da morte!» (Nota da Redacção).

Se tivesse sido a França que violasse a neutralidade belga, para atacar e destruir a Alemanha, como esta queria fazer á França, a Bélgica ter-lhe-ia feito a resistencia que fez ás bestes assassinas que se movem a um simples gesto do louco furioso de Berlim?

E no caso afirmativo, a Inglaterra teria corrido solta com a sua intervenção para fazer respeitar as cláusulas da conferencia da Haia, como o fez em vista do ataque alemão?

Os intervencionistas responderão em unísono:

«Sim! Nós, contudo, temos o presentimento intuitivo de que elles estariam mais proximo da verdade se respondessem: «Não!»

Esta nossa conclusão baseia-se nos factos; e os factos... são factos.

A Inglaterra tem afirmado que o seu maior inimigo—comercial e industrial,—é a Alemanha; e desde que se convencesse de que a vitória seria das armas francesas, sempre era uma maneira maravilhosa de se ver livre do seu maior feróz inimigo—de interesses capitalisticos, entenda-se—sem para isso meter prego nem estopa.

E sendo a guerra actual um *maremagnum* de rivalidades de interesses para dominio de uma raça sobre outra e de uns banqueiros sobre outros banqueiros, a nossa attitud deve ser de espectadores vigilantes para no momento preciso queimarmos os nossos exploradores, os nossos seculares opressores com o proprio fogo que eles atearam.

Galpilhães, 1915.

GIORDANO BRUNO.

violência material possa triunfar deles) permanecerão inimigos da pátria em tempo de paz ou de guerra e recusarão toda a solidariedade ao governo, á burguesia e aos partidos guerristas. LOUIS FABRI.

Os motivos do odio entre os povos

Em *La Voix de l'Humanité*, de Lausana, Homo indica os motivos do odio entre os povos num excelente artigo, de que a seguir fazemos algumas transcrições:

...Odeia-se o forte, com a exasperação da impotencia, e tem-se certa indulgencia pelos que são considerados, com ou sem razão, vítimas fáceis; eis porque na Alemanha se detesta a Inglaterra inatingível e não se sente odio algum—demonstrou-o um inquérito aprofundado—contra a França, que se espera poder vencer.

Odeia-se tambem mais o adversário vitorioso (invasor por ser vitorioso e cometendo estragos por ser invasor em país inimigo); e há indulgencia pelo adversário que só defende o seu proprio país e por essa razão não pode praticar violencias contra a população civil. Eis outro motivo pelo qual, na Alemanha, se odeiam mais os russos, que invadiram—e devastaram, o que é infelizmente sinónimo—a Prússia oriental, e se tem menos rancor pelos franceses, que defendem a sua pátria; e eis tambem o motivo do paroxismo do odio que os alemães, invasores de todos os países vizinhos, por serem provisoriamente os mais fortes, por toda a parte suscitaram.

...Os sentimentos de vingança e hostilidade consciente para com o estrangeiro foram levadas até camadas sociais que, noutras épocas, teriam admitido nada perceber dos motivos pelos quais se batiam os «grandes» e sofrer a guerra apenas como uma epidemia ou carestia. Hoje, as massas confiadas no seu jornal (que a miude só pode escrever o que lhe indica o seu governo, para despertar justamente o sentimento popular que lhe parece útil para a sua politica) julgam poder discernir o bem do mal... Naturalmente é uma pura illusão; cada um crê exactamente a verdade official do seu meio. A crença nesta ou naquela interpretação dos documentos diplomaticos estende-se exactamente até ás fronteiras de cada Estado. Se realmente houvesse alguma possibilidade de distinguir o verdadeiro do falso, deveria haver pelo menos em cada país uma minoria com outra opinião logica sobre determinada questão concreta. Mas não; há uniformidade absoluta, celebrada pelos filósofos da hora como unidade intelectual da nação; há uma mesma direcção da amizade e uma mesma direcção do odio em cada país... Este odio não desonra o objecto da paixão, só pode desonrar os que o sentem e particularmente os que o difundem de modo sistemático para os seus fins de guerra a todo trance.

Outro motivo de odio é a ignorancia. Detesta-se o estrangeiro por se ignorarem os razões da sua maneira de proceder, a sua mentalidade particular, por se julgar que qualquer mentalidade diversa da do povo proprio é por isso mesmo depravada.

Ignoram-se as conquistas civilizadas do vizinho, as suas contribuições para o patriotismo comum da humanidade, e consideram-no como «bárbaro». Identificam-se os actos de alguns ou de uma casta orgulhosa com o caracter mesmo da nação inteira. Não se tem em conta o facto verificado de a paixão guerreira transformar momentaneamente a mentalidade de todos os povos...

Quer nasça da vingança, da sugestão intencional ou da ignorancia, o odio é um factor contrario ao progresso. Não nos esforcemos por o despertar, por o justificar com os crimes verdadeiros do adversário ou com os que lhe são atribuidos de maneira mais ou menos exagerada. Seja-mos mais severos para nós mesmos e compreendamos melhor os outros.

...A solidariedade humana edificará templos do espirito lá onde o odio matou dos povos semeou ruínas.

Os que querem a guerra, na Itália

Na Itália os partidos que na maioria são favoráveis á guerra são os partidos burgueses, e mais particularmente os mais doentes de arrivismo e de politiquerismo: democráticos, maçoes, radicais, reformistas; o unico partido popular favoravel á guerra é o republicano, que é, porém, um partido burgues nos seus chefes, ao passo que entre os seus adeptos operários são numerosissimos os contrários á guerra. Além disso, favoráveis á guerra são os conservadores burgueses mais esclarecidos, como os que tem por órgão o *Resto del Carlino*, de Bolonha, os quais sabem como a guerra pode servir para domar por algum tempo o proletariado. E não falemos dos nacionalistas clericalizantes e da moderagem cujos órgãos são o *Corriere della Sera* e o *Giornal d'Italia*. Pelo contrario, os partidos compostos na maioria de proletários, socialistas, sindicalistas,—são todos na sua enorme maioria contrários á guerra; e em geral tanto mais contrários, quanto mais revolucionários são e mais se avizinhavam duma concepção libertaria. Mesmo nas pequenas minorias destes partidos ás quais se pegou a febre guerrista, deu-se isso sobretudo entre os chefes, entre os chamados intelectuais, entre os jornalistas de profissão, entre os elementos que mais em contacto vivem com os organismos e ambientes burgueses.

É certo que alguns partidos burgueses, que, como o clerical, mais necessitam do favor popular para se suster de pé, precisamente por o povo ser em geral contrario á guerra, tambem se inclinam pela neutralidade, mas... até certo ponto. Todos são, porém, concordes em querer a grandeza da pátria, em dizer que, se a pátria precisar da guerra, forçosos será então fazê-la, e que em todo o caso, se o governo entrar no conflito, eles estarão a seu lado e não se eximirão á unanimidade nacional. Muitos socialistas, porventura a maioria, falam e procederão do mesmo modo. Só os elementos libertários (embora a